

Mais que uma “cidade dos pianos”: A polifonia carioca oitocentista por meio dos impressos periódicos (1840-1889)

EVERTON VIEIRA BARBOSA *

Introdução

Várias são as citações que caracterizam a cidade do Rio de Janeiro como “a cidade dos pianos”. Atribuída a Manuel Araújo Porto-Alegre (1806-1879)¹ em 1856 (TINHORÃO, 2005: 196; ANDRADE, 1967: 167), esta expressão caracteriza a maciça presença do instrumento na cidade do Rio de Janeiro, sede imperial.

Porém, o ponto de vista deste contemporâneo não reduz a importância e existência dos demais instrumentos existentes, assim como os agentes históricos que os praticavam em diversos espaços de sociabilidade da cidade.

Deste modo, ao utilizarmos alguns impressos periódicos publicados durante o governo de D. Pedro II (1825-1891), daremos visibilidade aos instrumentos existentes no período, seus executores e os espaços de sociabilidade utilizados para sua prática, demonstrando que a cidade do Rio de Janeiro era mais que uma “cidade dos pianos”.

A circulação de instrumentos musicais antes da vinda da família real ao Brasil (1808)

A inserção do piano em terras brasileiras geralmente é atribuída em 1808, junto à vinda da família real portuguesa, porém conforme constatado por Mayra Pereira em um “inventário *post-mortem* do botânico Antônio Pereira Ferreira, de 1798”, já havia na cidade do Rio de Janeiro cravos e pianoforte (PEREIRA, 2005: 77-78).

* Mestrando em História pela UNESP/Assis. Bolsista pelo processo 2013/15555-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Manuel José de Araújo Porto-Alegre foi um escritor, político e jornalista, fundador da “Revista Guanabara” e da “Lanterna Mágica”.

Apesar de constar no documento a fabricação do piano no Rio de Janeiro, Pereira se atenta para a questão da proibição de qualquer indústria no país, o que a leva a suposição deste instrumento ter entrado na colônia portuguesa através contrabando ou de ter a sua fabricação ilegal (PEREIRA, 2005: 79-80).

Além do piano e do cravo, Pereira constatou a presença de outros instrumentos entre os anos de 1796 a 1819, “como violas, rabecas, trompas, trombetas, fagotes, clarins, flautas e cordas de manicórdio, viola e rabeca” (PEREIRA, 2005: 81).

Todos estes instrumentos denotam a circularidade musical e instrumental, já existentes na cidade do Rio de Janeiro antes da chegada da família real em 1808.

A execução musical destes instrumentos podia ser feita em diversos espaços de sociabilidade, como nas igrejas, no teatro ou mesmo na rua, seja em eventos cívicos, religiosos ou populares. Porém, como constatou Maurício Monteiro (2008: 85) “não eram quaisquer instrumentos que poderiam ser utilizados” no mesmo espaço.

Um bom exemplo disso é a vielle à roue ou viola de roda; um instrumento considerado pelas elites italianas do século XVI como um “strumento di porco”, porque era um dos mais utilizados pelos cegos e pedintes. Um outro exemplo no sentido oposto é o do cravo; surgido em fins do século XVI a partir das transformações do virginal e do clavicórdio, representou muito bem a aristocracia barroca: na sucessão, o piano seria um símbolo da burguesia que começa a se fortalecer em fins do século XVIII (MONTEIRO, 2008: 85-86).

Este excerto clarifica a noção dos gostos musicais da corte, assim como as evoluções que os instrumentos sofreram para se adequarem as normas e padrões de cada época e grupo social. Além disso, esta trajetória permite compreender um dos motivos que levaram o piano a

ser um dos instrumentos mais comentados pelos periódicos ao longo do século XIX, uma vez que estes impressos eram voltados à corte no Brasil e seus séquitos.

É importante frisarmos que antes da chegada da família real ao Brasil já circulava em solo brasileiro impressos oriundos da Europa, pois ainda era proibida a impressão na colônia portuguesa. Porém, com a vinda da corte ao Brasil esta situação foi alterada através da lei de 13 de maio de 1808, permitindo a publicação de impressos (ABREU, 2010: 42).

Assim, com a publicação de impressos e o fim da censura em 28 de agosto de 1821, aumenta a circulação de impressos brasileiros e, conseqüentemente, notícias diversas.

Dentre estas notícias, atentamo-nos aos assuntos voltados à questão musical, onde podemos identificar a circulação de instrumentos ao longo do século XIX.

Os impressos sobre instrumentos musicais no início do século XIX

Desde a inserção da imprensa no Brasil e o fim da censura, as informações ligadas ao país ganharam mais espaço e autonomia. Na década de 20 já é possível identificar alguns impressos que divulgavam assuntos sobre as músicas e os instrumentos executados.

O *Jornal do Commercio*, por exemplo, publicava diversos anúncios ao qual podemos constatar a circularidade instrumental pela cidade. Em um deles “precisa-se de um piano forte” (JORNAL DO COMMERCIO, 05/01/1828), já em outro “No armazém francês, rua d’ajuda n. 29 consertam-se pianos, harpas, violas e todos os instrumentos de cordas” (JORNAL DO COMMERCIO, 10/01/1828). E além dos instrumentos de corda, havia também anúncios indicando outros instrumentos:

Carga do navio francês Claudina com (...) música, (...) 1 dita com retratos e música (...), 2 ditas com 8 guitarras, 2 trompões, 6 trombetas, 2 triângulos, 2 fagotes, 2 pares de timbales, 5 clarinetas, 2 flautas e 2 trompas, 1 caixa com 2 flautas (JORNAL DO COMMERCIO, 26/03/1828).

Vemos neste anúncio uma grande quantidade de instrumentos, confirmando a circularidade instrumental existente na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX. Apesar do piano ou órgão não aparecerem neste anúncio, suas divulgações foram constantes tanto no *Jornal do Commercio*, como em outros impressos.

Em 1827 o *Almanack do Rio de Janeiro* anuncia haver na Capela Real oito sopranos, sete contraltos, onze tenores, dezesseis baixos, dezoito músicos instrumentistas, três organistas e um organeiro² (ALMANAK DO RIO DE JANEIRO, 1827: 53).

O simples fato de aparecer três organistas, separados dos dezoito músicos, além da existência de um organeiro, simboliza o *status* que o órgão, assim como o piano, recebia no período.

O fato é que a partir de meados da década de 20 começaram a aparecer no Rio de Janeiro indícios ainda que de maneira esporádica, de publicações de caráter musical: métodos para o ensino da música em geral e finalmente edições de partituras, principalmente para piano e voz. O repertório que interessou aos primeiros gravadores que se aventuraram na arte da impressão musical foram as modinhas, os lundus e duetos, geralmente acompanhados de piano (LEME, 2006: 127-128).

² Segundo o dicionário Michaelis, organeiro pode ser um fabricante de órgãos ou o encarregado da conservação dos órgãos de uma igreja. Acreditamos que a segunda definição se enquadre para a realidade da Capela Real.

O crescimento do uso do piano como instrumento suporte para a impressão musical foi uma constante no século XIX, porém isso não impediu a circularidade de diversos instrumentos, conforme já observamos em alguns impressos. E se esta gama de sonoridades já existia durante os primeiros anos do século XIX, ela não será diferente durante o segundo reinado (1840-1889).

Os impressos sobre instrumentos musicais durante o segundo reinado (1840-1889)

Durante o segundo reinado, muitos impressos com informações musicais circularam pelo Rio de Janeiro. *A Marmota na Corte*, por exemplo, além de divulgar os espetáculos teatrais semanais, também publicava artigos questionando investimentos públicos para o desenvolvimento de uma “música nacional” (BRITO, 09/03/1852: 05).

Tal crítica foi constante no período, indicando a necessidade de investir em uma cultura nacional, visto que diversos espetáculos teatrais eram apresentados na corte por companhias oriundas da Europa.

Além de conferir estes espetáculos teatrais, Francisco de Paula Brito (1809-1861) também relata suas visitas nas sociedades musicais existentes no período, lugar onde “[...] se vê quanto realçam as vozes de nossas patricias acompanhadas de um completo instrumental” (BRITO, 09/10/1849: 02).

Tais sociedades também foram frequentadas e comentadas pela primeira redatora de *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), Joanna Paula Manso de Noronha (1819-1875):

A sociedade Filarmônica de S. Christovão é uma bem agradável reunião mensal. Ali a orquestra é composta de curiosos amadores, dignos de todo o elogio; as senhoras que cantam são interessantes, muito interessantes, e sua doce voz nos deixaram ficar fagueiras impressões; o baile, para o fim

da noite permitido, é animado e influído por vivazes quadrilhas executadas por nova orquestra destinada para esse fim (NORONHA, 16/05/1852: 10).

O gosto musical da redatora Noronha pode ser explicado pelo seu casamento com o músico português Francisco Sá Noronha, que também trabalhou como mestre de canto da Companhia Dramática, professor de instrumentos e compositor imprimindo partituras, das quais oito acompanharam o jornal de sua esposa.

A sociedade musical também foi alvo de comentários de Manuel Araujo Porto-Alegre. Na *Minerva Brasiliense* (1843-1845) ele escreveu que “A última reunião, feita neste mês de dezembro, foi uma das mais brilhantes que temos tido [...]” (PORTO-ALEGRE, 01/01/1844: 28).

Sua participação nesta sociedade demonstra que seu contato não se restringia ao piano, mas sim a orquestras instrumentais e vocais. Então o que o levaria a considerar o Rio de Janeiro como a cidade dos pianos?

Se tomarmos em conta a quantidade de anúncios de professores de piano que aparecem no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro* (1844-1889) podemos ter uma noção e possível resposta para a afirmação de Porto-Alegre.

Também conhecido como *Almanak Laemmert*, por causa dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, redatores deste periódico, este impresso desde seu primeiro ano até o último, trouxe um espaço específico para anúncio de professores de música.

Para facilitar a averiguação destas informações, desenvolvemos algumas tabelas indicando os instrumentos por década e a quantidade de anúncios dos mesmos:

Instrumento/Ano	1844	1845	1847	1848	1849	Total
Piano	06	07	11	16	22	62
Canto	03	04	07	13	18	45
Violão	-	-	04	03	04	11

Música ³	02	06	-	-	-	08
Rabeca	-	-	01	01	01	03
Vários	-	-	01	01	-	02
Flauta	-	-	03	03	03	09
Violoncelo	-	-	-	-	01	01
Ophicleide ⁴	-	-	01	01	01	03
Órgão	-	-	-	01	03	04
Harpa	-	-	01	01	01	03
Indefinido ⁵	-	-	03	03	05	11

Tabela 1: Quantidade de anúncios instrumentais do *Almanak Laemmert* (1840-1849), exceto o ano de 1846.

Fonte: *Almanak Laemmert* (1844-1849)

Na tabela 1, percebemos que na primeira década de publicação do *Almanak Laemmert*, os anúncios sobre o ensino do piano superaram os demais anúncios, seguidos do ensino de canto.

É importante frisar que geralmente um mesmo professor ensinava mais de um instrumento, enquanto outros se limitavam a informar qual instrumento era ensinado. Supomos que a falta desta informação seja por causa do preço de mil réis cobrado por linha para anunciar, além de acreditarmos ser este(a) professor(a) conhecido(a) pelos leitores, deixando apenas seu nome e endereço para contato sobre as aulas.

Já na tabela 2, além de aumentar o número de anúncios na década de 50, constatamos também a divulgação de outros instrumentos:

Instrumento/Ano	1850	1851	1852	1853	1854	1855	1856	1857	1858	1859	Total
Piano	30	34	42	47	44	37	41	38	48	49	410
Canto	27	31	37	36	36	33	30	29	34	28	321
Violão	03	03	03	02	01	02	02	01	03	02	22
Música	02	03	03	03	03	03	06	04	05	05	37
Rabeca	02	03	02	02	02	02	02	02	03	03	23
Vários	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
Flauta	04	06	07	05	03	04	04	05	04	02	44
Violoncelo	-	01	01	01	01	-	-	-	-	-	04
Contrabaixo	-	01	01	02	01	-	-	-	-	-	05
Clarinete	-	-	01	01	-	-	02	02	02	01	09
Ophicleide	01	01	01	01	-	-	-	-	-	-	04
Órgão	03	01	01	01	01	02	-	-	-	-	09
Guitarra	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	01

³ Refere-se aos anúncios sobre ensino de música, solfejo, contraponto e harmonia.

⁴ Instrumento de sopro, da família dos metais.

⁵ Anúncios sem definição do instrumento que era ensinado.

Harpa	-	01	-	-	-	01	-	-	-	-	01
Indefinido	07	06	07	07	08	07	06	09	08	10	75

Tabela 2: Quantidade de anúncios instrumentais do *Almanak Laemmert* (1850-1859)

Fonte: *Almanak Laemmert* (1850-1859)

Na tabela 2 percebemos anúncios indicando o ensino de contrabaixo, clarineta e guitarra, instrumentos que não constavam nos anúncios da década de 40.

A respeito da aparição da guitarra no *Almanak Laemmert* em 1855, assim como no *Jornal do Commercio*, em 26 de março de 1828, Inez Beatriz de Castro Martins, uma das expositoras do simpósio temático 23. “Cidades e Práticas Culturais: modernidade, subjetividades e configurações de identidades”, organizado pelas professoras Carla Miucci Ferraresi de Barros e Fabiana Lopes da Cunha, no XVIII Simpósio nacional de História, comentou que neste período, a guitarra e o violão eram os mesmos instrumentos, conforme constatamos posteriormente no Dicionário de termos e expressões da música (DOURADO, 2004:358), porém optamos em manter nas tabelas os nomes que apareceram no jornal.

Também percebemos o aumento no número de anúncios voltados ao ensino de piano, canto e de outros instrumentos, ainda que em menor quantidade, se comparados aos dois primeiros. E ainda quanto ao aumento no número de anúncios que não definiam qual instrumento ensinam. Provavelmente a falta desta informação estava relacionada à economia de linhas, para não pagar um valor maior pelo anúncio, e por se tornarem conhecidos pelos leitores do jornal.

Já na tabela 3, referente a década de 60, observaremos novas informações importantes:

Instrumento/Ano	1860	1861	1862	1863	1864	1865	1866	1867	1868	1869	Total
Piano	55	55	55	50	53	70	68	62	54	57	579
Canto	35	37	41	40	39	50	50	47	40	40	419
Violão	03	03	03	02	05	03	02	01	01	01	24

Música	09	10	10	09	12	13	18	15	11	12	119
Rabeca	04	04	04	05	02	03	02	04	03	03	34
Vários	-	-	01	01	-	01	01	02	02	02	10
Flauta	01	01	02	02	04	02	01	01	01	-	15
Violoncelo	-	01	01	01	02	02	02	-	-	-	09
Fagote	01	-	01	01	01	01	01	01	01	-	08
Contrabaixo	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
Clarinetas	01	01	02	02	02	02	02	01	-	-	13
Violino	-	01	01	01	01	01	01	-	-	-	06
Ophicleide	-	-	-	01	-	-	-	-	-	-	01
Órgão	-	-	-	01	01	03	04	02	01	03	15
Guitarra	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	01
Harpa	02	02	01	-	-	-	-	-	-	-	05
Indefinido	12	15	15	13	09	12	11	11	26	27	151

Tabela 3: Quantidade de anúncios instrumentais do Almanak Laemmert (1860-1869)

Fonte: Almanak Laemmert (1860-1869)

Dentre as novas informações, observamos o aparecimento de anúncios voltado ao ensino de fagote e violino, além do aumento no número de anúncios de piano, canto, instrumentos indefinidos e outros instrumentos. Fato que começa a modificar na década de 70:

Instrumento/Ano	1870	1871	1872	1873	1874	1875	1876	1877	1878	1879	Total
Piano	45	23	51	38	42	51	49	39	39	28	405
Canto	30	27	33	24	22	25	27	28	19	20	255
Violão	02	02	02	02	02	02	01	01	02	01	17
Música	10	08	12	10	13	10	10	09	10	09	101
Rabeca	03	02	02	03	02	01	-	-	-	-	13
Vários	03	01	01	01	03	03	01	-	-	-	13
Flauta	-	-	-	-	-	01	01	-	01	-	03
Pistão	01	01	01	-	01	01	01	-	-	-	06
Trombone	-	-	-	-	-	01	01	-	-	-	02
Trompa	01	01	01	-	-	-	-	-	-	-	03
Cítara	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
Clarinetas	-	-	-	02	02	01	01	01	01	-	08
Saxofone	-	-	-	01	01	-	-	-	-	-	02
Órgão	02	01	01	01	-	-	01	01	-	-	07
Harpa	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Harmonium	-	-	-	-	-	-	-	-	01	01	02
Indefinido	29	27	28	27	23	28	27	35	35	24	283

Tabela 4: Quantidade de anúncios instrumentais do Almanak Laemmert (1870-1879)

Fonte: Almanak Laemmert (1870-1879)

Na tabela 3 dentre as principais mudanças, percebemos que os anúncios de violoncelo, violino e contrabaixo não aparecem na década de 70, enquanto os anúncios sobre o ensino de fagote, ophicleide e guitarra não aparecem mais a partir desta década.

Também constatamos o surgimento de anúncios de pistão, trombone, trompa, cítara, saxofone e harmonium⁶, demonstrando que a circularidade de instrumentos continuou a fazer do Rio de Janeiro uma cidade polifônica.

Enquanto houve uma diminuição nos anúncios de instrumentos e canto, o anúncio indefinido aumentou, reforçando a ideia de diminuição no tamanho do anúncio, além destes(as) professores(as) tornarem-se conhecidos na cidade.

Por fim, a tabela 5, referente a década de 80 e também apresenta novos indícios:

Instrumento/Ano	1880	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889	Total
Piano	32	41	54	57	59	59	54	59	50	45	510
Canto	20	26	30	30	32	29	31	31	26	26	281
Violão	01	-	01	01	01	01	02	01	01	01	10
Música	08	08	17	09	10	12	13	13	15	14	119
Rabeca	-	01	01	01	01	01	01	02	01	01	10
Vários	-	-	-	-	-	01	01	01	01	03	07
Flauta	-	-	01	01	01	01	01	-	-	-	05
Cítara	01	02	02	02	02	02	03	02	-	-	16
Contrabaixo	-	-	-	-	-	-	-	02	02	01	05
Violino	-	-	-	-	01	01	01	01	01	01	06
Órgão	01	01	01	01	01	01	01	01	01	01	10
Harmonium	02	02	01	01	02	02	02	01	-	-	13
Indefinido	31	25	37	34	24	27	36	32	23	22	291

Tabela 5: Quantidade de anúncios instrumentais do Almanak Laemmert (1880-1889)

Fonte: Almanak Laemmert (1880-1889)

⁶ Instrumento de teclas, similar a um órgão, porém sem tubos, e com um som aproximado ao do acordeão.

Na tabela 5 os anúncios sobre o ensino de contrabaixo e violino reaparecem, enquanto os de pistão, trombone, clarineta, saxofone, ophicleide e harpa não.

Apesar de haver um leve aumento no número de anúncio de instrumentos, comparado à tabela 4, eles não superaram a quantidade de anúncios da década de 60, que aparecem na tabela 3, exceto o anúncio dos instrumentos indefinidos que aumentou em todas as décadas.

Mas apesar da variação no número de anúncios e dos instrumentos divulgados, sua circulação pela cidade do Rio de Janeiro foi constante, permitindo identificar quais instrumentos estiveram presentes neste período através dos impressos periódicos.

Considerações Finais

Diante de alguns impressos analisados, conseguimos constatar a circularidade de diversos instrumentos no Rio de Janeiro ao longo do século XIX.

Em relação ao comentário de Manuel Araujo Porto-Alegre, em relação ao Rio de Janeiro ser a cidade dos pianos, provavelmente tenha se dado devido ao seu gosto particular pelo instrumento, uma vez que este jornalista pertencia a uma classe social elevada, que considerava o piano um bem material e que dava prestígio e status social. Apesar de muitos concordarem com a existência de uma gama variada de instrumentos musicais no Rio de Janeiro, alguns desconhecem a existência de certos instrumentos como o ophicleide e/ou o harmonium, por exemplo. Por isso, dar visibilidade a estes instrumentos não demonstra apenas a diversidade sonora existente na sede imperial, como favorece o conhecimento dos mesmos a pessoas de nosso tempo.

Não podemos negar que o piano possuiu uma grande presença diante dos impressos oitocentistas, mas ele não foi o único instrumento

divulgado, demonstrando, portanto, que a cidade do Rio de Janeiro não foi apenas a cidade dos pianos, mas sim uma cidade polifônica.

Referências Bibliográficas

ABREU, Marcia. *Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros*. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Marcia (Orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 42.

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL (1844-1889). Rio de Janeiro, RJ. Disponível em <<http://WWW.crl.edu/brazil/almanak>>. Acesso em 15/06/2015.

ALMANAK DO RIO DE JANEIRO. 1827. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=708810&PagFis=1863&Pesq=>>>. Acesso em 15/06/2015.

ANDRADE, Mário de. *Pequena história da música*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

BRITO, Francisco de Paula. *A Marmota na Corte (1849-1852)*. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito; Tipografia Dous de Dezembro.

DOURADO, Henrique Autran. *Dicionário de termos e expressões da música*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

JORNAL DO COMMERCIO. 1828. Sessão de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

LEME, Mônica. *E saíram à luz as novas coleções de polcas, modinhas, lundus, etc.* – música popular e impressão musical no Rio de Janeiro (1820-1920). Tese de doutorado. Niterói: UFF, 2006.

MONTEIRO, Maurício. *A construção do gosto: música e sociedade na Corte do Rio de Janeiro – 1808-1821*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

PEREIRA, Mayra. *Do cravo ao Pianoforte no Rio de Janeiro: um estudo documental e organológico*. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

PORTO-ALEGRE, Manuel Araújo. *Belas Artes*. In: *Minerva Brasiliense* (1843-1845). Rio de Janeiro, 22-28.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Ed. 34, 2005.